

Tobias Queiroz

Cultura potiguar em xeque

Faculdades Integradas de Patos - FIP

João Pessoa/PB, novembro de 2004

Índice

Introdução	7
1 Jornalismo e Cultura	11
1.1 Entrevista	11
1.2 As primeiras histórias dos quadrinhos no Brasil	13
1.3 Crítica	14
1.4 Jornalismo	15
1.5 Jornalismo cultural	17
2 Apontamentos históricos	19
2.1 Nascedouro do jornalismo cultural	19
2.2 O Machado da cultura – primeiros passos do jor- nalismo cultural no Brasil	22
2.3 Considerações sobre o começo do jornalismo cul- tural potiguar	23
2.3.1 Origens	23
2.3.2 História em Quadrinhos	24
2.3.3 O jornalismo potiguar atual	25
3 O jornalismo cultural do caderno dominical “Muito”	29
3.1 A entrevista	29
3.2 Colunismo Social	34
3.3 Crítica	35
3.4 O aspecto visual da primeira página do “Muito” .	38

4	O que diz o jornalismo cultural do caderno “Muito”?	41
4.1	Agendismo versus diversidade	41
5	Considerações finais	45
5.1	Perspectivas para o jornalismo potiguar	45
6	Referências bibliográficas	49
6.1	Webgrafia	50
7	Anexos	51

*Tematização do jornalismo cultural potiguar, no caderno
“Muito”
Curso de especialização em Jornalismo Cultural
Ensaio final para obtenção do título*

Introdução

Por falta de bibliografias específicas sobre o jornalismo cultural no país, o livro – lançado ano passado, 2003 –, pelo Editor-executivo do jornal O Estado de São Paulo, Daniel Piza, torna-se obra referencial para este estudo. Desde do levantamento histórico – a partir do seu ponto de vista pessoal à sua experiência com os cadernos destinados a discutir questões culturais como o Fim de Semana, da Gazeta Mercantil e do Caderno 2 do próprio Estadão.

Então, a partir desta premissa e com o intuito de compreender o modo como se pratica o jornalismo cultural no Estado do Rio Grande do Norte tem-se a concepção deste ensaio. Uma observação minuciosa da editoria arte/ cultura do jornal – pertencente a rede dos “Diários Associados” - Diário de Natal, desenvolvida entre outubro de 2003 e dezembro de 2003.

Ciente da ampla variedade de produtos e atividades jornalisticamente elaboradas para (in) formar o leitor e orientá-lo (programas de tv, rádio, páginas on line, revistas especializadas e dirigidas à literatura, música, teatro, dança, cadernos semanais, etc) tentamos catalogar e registrar a frequência destes assuntos no caderno de cultura dominical do Diário de Natal, “Muito”.

Corpus de análise

- 12 de outubro – ENTREVISTA, Lobão em meia página na capa; e na pág. 5;
- 19 de outubro – HISTÓRIA, 100 anos do TAM – destaque para a diagramação;

- 26 de outubro – HISTÓRIA, 90 anos de Vinicius – enfoque para a visita a Natal, com continuação na pág. 3; detalhe: na pág. 5 só restou menos de $\frac{1}{4}$ de página para notícias. Muita publicidade.
- 2 de novembro – HISTÓRIA, construção do TAM e lançamento do livro pesquisa; há uma coluna informando sobre o concurso de poesias Luís Carlos Guimarães;
- 9 de novembro – EXPOSIÇÃO, material factual resumido ao detalhe do ambiente, sem aprofundamentos ou análises do repórter;
- 16 de novembro – ARTES, deficiente visual supera limites; há uma coluna factual sobre a Missa de Alcaçuz; a pág. 3 tem um quarto de matéria sobre o CD de Otto. Crítica assinada por Pedro Alexandre Sanches;
- 30 de novembro – MÚSICA, Casa Talento Petrobras; há uma coluna factual sobre os vencedores do Cosern Musical;
- 7 de dezembro – ENTREVISTA, Sebastião Vicente, toda a primeira página. Constatada a saída da colunista Kare-nine Fernandes; meia página da 3 com matéria do Instituto cultural Eline Julião; 70% da pág. 5 com informações da Agência folha;
- 14 de dezembro – LANÇAMENTO, Caixa Modernista em 4 colunas. Detalhe: continua na meia pág. da 5 com uma entrevista sobre o assunto; nas duas restantes material factual do lançamento do fascículo “Casudo por ele mesmo”;
- 21 de dezembro – LANÇAMENTO, coleção encadernada da coleção de O Galante; Uma coluna sobre o Auto de Natal; pág. 3 material de lançamento do disco de João Marcelo Boscôlli e em meia pág. da 5 matéria do Correio Brasileiro (também dos Diários Associados) sobre a procura de livros em sebos;

- 28 de dezembro – ENTREVISTA, Lázaro Ramos, sem contestações! Toda a primeira pág., porém, com somente sete sucintas perguntas e respectivamente seis objetivas respostas; Pequena matéria de 3 parágrafos sobre lançamento de CD e, na meia pág. 5, assunto sobre o acervo do Projeto Nação Potiguar.

Capítulo 1

Jornalismo e Cultura

Procurando dissecar, em parte, o processo do fazer jornalismo, principalmente o cultural destinamos este capítulo para dialogar com os teóricos acadêmicos e os profissionais das redações acerca dos gêneros e opções que o jornalismo cultural dispõem para melhor apresentar seu produto ao público leitor. Logicamente estes assuntos não se esgotam em si e não se esgotam entre si, ou seja, há mais espaço para discorrer sobre cada tópico e sobre outros gêneros e opções jornalísticas, embora, seja essa a opção metodológica que optamos.

1.1 Entrevista

Para Noblat (2002), “o sucesso de uma entrevista depende basicamente do entrevistado. Proque se ele responder mal as perguntas ou não responder as mais interessantes. A entrevista ficará uma droga. Mas se o entrevistador não souber o que pretende extrair do entrevistado, o resultado será uma droga do mesmo jeito”.

Ele aponta que as perguntas devem ser feitas com simplicidade, pois quem deve parecer inteligente ou não aos olhos dos leitores é o entrevistado.

Outro ponto salientado por Noblat está no poder de observação do jornalista. “Notícia em uma entrevista está no que diz o

entrevistado. Mas pode estar também no silêncio dele, na irritação que demonstra diante de uma pergunta, no sorriso que esboça quando escuta outra, na recusa em responder uma determinada questão. Tudo deve ser observado. E o relevante, publicado”.

Uma outra vertente da entrevista, quando utilizada com inteligência, primando pela qualidade textual faz-se denotar uma interessante visibilidade para o jornalismo cultural. É o perfil, o qual é uma entrevista, em texto corrido, norteando-se pela biografia do entrevistado acrescentando informações psicológicas, geográficas ou até mesmo curiosas. O perfil tem a tendência de fornecer ao leitor uma maior demanda de informações e interpretações do entrevistado convergindo para a sua principal característica: a qualidade textual, aproximando-se muitas vezes, da vertente literária.

Para o manual de redação e estilo do jornal O Globo, “o perfil se alimenta, principalmente, do testemunho de quem conhece a pessoa (...) é feito com observações do repórter sobre a aparência e o comportamento de seu retratado – traços, gestos, hábitos, maneirismo, preferências”.

A abertura do perfil que Lillian Ross fez de Ernest Hemingway em 1950, na revista *The New Yorker* é um exemplo.

Ernest Hemingway, que pode bem ser o maior romancista e contista americano vivo, raramente vem a Nova York. Ele passa a maior parte do tempo numa fazenda, a Finca Vigia, a 15 Km de Havana, com sua mulher, uma equipe de nove empregados, 52 gatos, 16 cachorros, duas centenas de pombos e três vacas. Quando ele vem a Nova York, é só porque ele tem de passar por ela a caminho de outro lugar. Há não muito tempo, a caminho da Europa, ele parou em Nova York por alguns dias. Eu havia escrito para ele perguntando se poderia vê-lo quando viesse à cidade, e ele me enviou uma carta datilografada dizendo que tudo bem e sugerindo que eu o recebesse no aeroporto. ‘Não quero ver ninguém que não queira, nem

*ter publicidade, nem ficar amarrado o tempo todo.
(Lilian Ross, “How do you like it now, gentlemen?”,
in Profiles from The New Yorker.)*

Há também a entrevista convencional chamada, no jargão jornalístico de “pingue-pongue” (perguntas e respostas em sequência), segundo O Globo, é a fórmula que garante maior fidelidade ao pensamento do entrevistado e maior facilidade de leitura.

1.2 As primeiras histórias dos quadrinhos no Brasil

Tendo como fonte de pesquisa o texto, “O Tico-Tico um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil”, da mestre em História em Quadrinhos pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Maria Cristina Merlo, nos detemos a discorrer, embora que breve, sobre o início desta manifestação na imprensa nacional.

O surgimento mundial da história em quadrinhos foi paralelamente acompanhada no Brasil. Quando os Estados Unidos publicavam sua primeira tira completa em 1895, 35 anos antes, ou seja, em 1860, o Brasil já ensaiava seus passos em HQ sob influência norte-americana.

Para Merlo, “a história em quadrinhos com balões é, historicamente, um fenômeno americano destinado aos adultos. As primeiras histórias em quadrinhos completas surgiram nas páginas do jornal New York World, em 5 de maio de 1895, desenhadas pelo artista Richard Felton Outcault em formato de charges, um colorido e outro em preto e branco, sob o título “*At the Circus in Down Hogan’s Alley*”.

Já os primeiros indícios da HQ no Brasil data, por volta do ano de 1860, quando o português Henrique Fleuiss pioneiramente criou o personagem, “Dr.Semana”, publicado na Revista da Semana.

Dentre as revistas ilustradas publicadas e adaptadas a essa nova fase da imprensa brasileira, em 1902, surge a revista O Malho, fundada por Luís Bartolomeu de Souza e Silva, com conteúdo humorístico, político, crítico, artístico, cotidiano, ou seja, literária e noticiosa. A revista era composta por uma equipe com os melhores escritores e caricaturistas da época.

Do ponto de vista da técnica, as revistas ilustradas assinalavam o início da fase da fotografia, libertada a ilustração das limitações da litografia e da xilogravura. (SODRÉ, 1999)

Neste mesmo contexto histórico e literário lembramos que o nascedouro da literatura nacional tem seus pés fincados no início da HQ. E diretamente ligado destacamos também a importância da imprensa por meio dos lançamentos de jornais e revistas dedicados aos adultos e às crianças, exercendo, como diz Merlo “um papel considerável no processo de formação e desenvolvimento da literatura infantil brasileira, como instrumentos de cultura e educativos. O público passa por segmentação, o que também significa uma maior definição na produção literária brasileira”

1.3 Crítica

Assim como o público, o meio artístico também sente a carência do olhar crítico (PIZA, 2003)

Embora o comentador de obras culturais seja tachado com o epíteto de “crítico” - o que segundo o jornalista e “comentador” musical Tárík de Sousa¹ não é mais do que mero preconceito - , no Brasil o crítico tem uma imagem ruim. Provavelmente a prova está no seu rótulo de “crítico”, que advém do grego *kritikós*, pelo latim *Criticu* que, segundo o dicionário eletrônico Aurélio Século XXI, significa pela ordem de importância:

¹ Esta citação de Tárík de Sousa foi proferida numa entrevista na TV Cultura, no programa “Verdade” em meados do mês de agosto de 2004.

1. Pertencente ou relativo à crítica.
2. Relativo a crise
3. Que encerra crítica, julgamento
4. Grave, perigoso
5. Embaraçoso, difícil, perigoso

Isso reforça a teoria de Piza: “Para muitos o crítico é um criador frustrado, que aponta erros que ele mesmo cometeria se estivesse ‘do outro lado’. É chato e ressentido.

De qualquer forma e com o intuito de quebrar este estigma o mesmo Piza indica os nomes de Marcel Proust, Henry James e Bernard Shaw, como grandes críticos que foram ao mesmo tempo exímios criadores.

Pois “o que se deve exigir de um crítico é o seu poder de argumentação indo às características intrínsecas da obra e situando-a na perspectiva artística e histórica. (...) sendo uma função básica da crítica julgar, no sentido de fazer uma opção pessoal, de qualificar uma obra. (...) Cabe ao crítico, primeiro, tentar compreender a obra, colocar-se no lugar do outro, suspender seus preceitos, para então sedimentar as idéias e, mesmo que exprimindo dúvidas, chegar a uma avaliação” (PIZA, 2003)

Enfim, a crítica desempenha importante papel na circulação das idéias e das manifestações. Sem ela a arte resente sua falta, como também o público consumidor.

1.4 Jornalismo

(...) O jornalismo não é um ofício técnico, mas uma função social relevante (ROSSI, 2000)

Uma batalha diária para conquistar corações e mentes. O jornalismo é definido desta forma. Um árduo trabalho de manter

a fidelidade para incrementar a credibilidade e a confiança utilizando para isto uma das mais aparentemente inofensivas armas: a palavra.

E o fazer jornalismo está intrinsecamente ligado a comissão de frente do seu trabalho. Está ligado diretamente ao repórter, pois é ele, que retira os pés das gélidas redações para sentir na pele e no calor da hora aquele fato ou acontecimento independentemente onde quer que esteja, no palácio da Alvorada ou numa favela num morro qualquer do Rio de Janeiro dominado por traficantes, para relatar em palavras o acontecimento.

Citando Kostcho para complementar a idéia de Rossi, e reforçar a importância do repórter informamos que “ser repórter é bem mais do que simplesmente cultivar belas-letas, se o profissional entender que sua tarefa não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula “científica”, mas é a arte de informar para transformar (...) jornalismo não é uma ciência exata (...)” pois, independentemente do que ocorreu “o leitor tem o direito de saber o que pensa, de que lado está aquele que lhe escreve – é uma informação a mais para que ele possa tirar suas próprias conclusões”.

O repórter só deve ser repórter se isso for irreversível, se não houver outro jeito de ganhar a vida, se alguma força maior o empurra para isso (KOSTCHO, 2003)

Apesar de Kostcho apresentar uma visão mística, ao lado de algo não tão encorajador, lembramos que o repórter é a força maior dentro do fazer jornalismo. E dele a responsabilidade de representar a sociedade e de denunciar as mazelas e as injustiças, da maneira para transparente possível pois, “é preciso acentuar, no entanto, que a conquista do jornalismo moderno é usar sua força de maneira sedutora: nenhum rebuscamento estéril, nenhuma forma monótona deve colocar-se entre o olhar do leitor e o fato restituído em sua veracidade”. (SODRÉ, 1986)

1.5 Jornalismo cultural

Um jornalista cultural muitas vezes, em decorrências das leis de mercado (tem que se publicar cada vez mais os produtos da cultura de massa e, logicamente, as expressões artísticas acabam sendo escanteada), e por se alimentar de arte e de cultura passa a impressão, tanto fora como por dentro de uma redação – principalmente, neste caso, entre seus colegas – a imagem de glamour. Pois escrever sobre uma peça de teatro, música, cinema, literatura ou qualquer outra arte para muitos não é trabalho. É entretenimento, é diversão.

O jornalista cultural costuma ser visto pelos colegas de outras áreas, como a política, a policial e a econômica, com uma série de preconceitos. Primeiro, supõe-se que ele trabalha menos. Não é verdade. Jornalista cultural sério trabalha muito fora da redação também: lê livros em casa, va a shows, filmes e exposições, cobre festivais, etc. (PIZA, 2003)

Na verdade este “falso” glamour é pura ilusão. O jornalismo cultural é uma das áreas que mais se exige do profissional. Mesmo porque o “jornalista cultural deve estar atualizado com os melhores autores contemporâneos (...). E deve ler bons livros sobre história, ciência, economia e possuir bons livros de referência (enciclopédias, dicionários, compêndios). Deve, em suma, ter uma boa biblioteca, mesmo que escreva sobre cinema, música ou artes visuais. (...) Como se nota, jornalista cultural precisa ser um estudioso, um autodidata.” (PIZA, 2003).

Como afirmou, Borges de Garuva em entrevista a Jamil Marques “antes de tudo, jornalismo cultural é jornalismo: isto é, não é publicação técnica, científica ou especializada. É um âmbito do jornalismo que se caracteriza pelos conteúdos com que trabalha, ou seja, com os acontecimentos intelectuais (artísticos e científicos, principalmente) e com isto que se convencionou designar como “variedades” e que engloba também certos acontecimentos

sociais, os movimentos, os debates, as tradições... a cultura, enfim”.

Complementando o pensamento de Garuva, Piza diz que “imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe”.

De certa forma existe uma tendência de esperar do jornalismo cultural uma abordagem de fundo, “um tratamento mais especializado das matérias e, sobretudo, procedimentos adequados aos metiês com que lida (...) principalmente da parte dos próprios intelectuais dos artistas, dos cientistas”, diz Garuva.

Para mim, jornalismo cultural é, ao mesmo tempo, um espaço privilegiado onde pode florescer a crítica e onde o público pode entrar em contato com a produção intelectual, artística e científica de uma comunidade, um país ou do mundo. Como atividade jornalística, precisa ser bem realizado, pois me parece que o parâmetro da qualidade deve ser aplicável a qualquer das atividades jornalísticas e existem bons exemplos em todo o País de ótimos profissionais trabalhando na área de esportes, por exemplo, cujo texto é muitíssimo mais sofisticado e eficaz do que o de muito jornalista cultural por aí. (GARUVA, 2003)

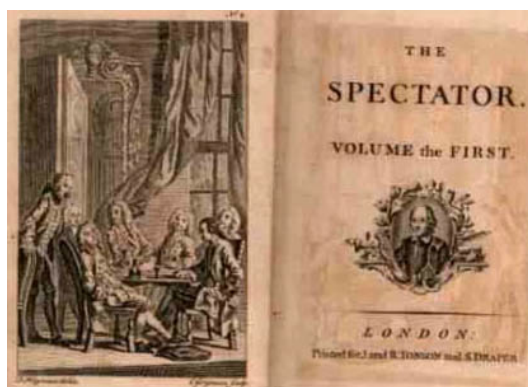
Em outras palavras o jornalismo cultural tem que primar pela sua miscegenação, pela sua pluralidade. Mesclar assuntos locais, com regionais e nacionais com internacional. Lembrar ao leitor de que o mundo existia antes dele nascer e que o jornalismo cultural permanece no seu dinâmico movimento de mudanças. Um dos preceitos da prática jornalística é de não subestimar a inteligência do leitor e o fomentar o debate de idéias e conceitos das manifestações culturais e comportamentais da sociedade não é diferente.

Capítulo 2

Apontamentos históricos

2.1 Nascido do jornalismo cultural

Os “segundos cadernos” têm uma importância para a relação do jornal com o leitor – ou, mais ainda, do leitor com o jornal – que é muito maior do que se supõe. Além disso, há uma riqueza de temas e implicações no jornalismo cultural que também não combina com seu tratamento segmentado; afinal, a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens. (Piza, 2003).



Precisar uma data, um país ou até mesmo um periódico dentro do contexto jornalismo cultural mundial é uma tarefa ingrata. O motivo está em unicamente por não existir nada que aponte cirurgicamente o nascimento deste complexo segmento do ato de fazer jornalismo, optamos em sugerir uma publicação. Vale frisar que ela não é uma data inicial, porém, não deixa de ser um necessário marco do jornalismo cultural. Em 1711, os ensaístas ingleses, Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719), “fundaram uma revista diária chamada ‘The Spectator’ (ilustração acima). Steele já criara, alguns anos antes, ‘The Tatler’, tendo depois Addison como colaborador, e mais tarde fariam outras publicações, como ‘The Guardian’”, diz Piza. Ele continua: “‘Spectator’, nasceu com um objetivo: ‘Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembléias, casas de chá e cafés. E assim seria”.

A partir deste exemplo tem-se a constatação de que o jornalismo cultural nasceu grande, ousado e pretesioso. Surgiu com a finalidade de fomentar os debates e, desta forma, consequentemente conseguiu oxigenar as artérias da cultura. “O que escreveram nos quatro anos em que fizeram a revista era discutido, tal como queriam, nas mesas dos cafés, clubes e casas. Até hoje as antologias de seus ensaios são encontradas nas livrarias e estudadas em vários países”, complementa o raciocínio (Piza, 2003).

A “Spectator” fez história. E, ainda hoje, pode ser tida como um exemplo a ser seguido. Pois nas suas páginas o leitor poderia encontrar de tudo um pouco (algo que dificilmente localizaremos nas páginas destinadas a discutir as manifestações culturais no jornalismo potiguar) – livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política – “num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico. (...) Podia tratar dos novos hábitos vistos numa casa de café, como temas em discussão e roupas na moda, ou então criticar o culto às óperas italianas e o casamento em idade precoce” (Piza, 2003).



Depois de exatos 555 números, o Spectator deixou de circular em 6 de dezembro de 1712, reaparecendo no segundo semestre de 1714 até ser extinto de vez no número 635. Sua importância para a língua inglesa deve-se muito a Joseph Addison (1672-1719), também poeta e político. Atualmente, o adjetivo addisonian tem como uma das acepções “clear and elegant writing” (escrita clara e elegante). A prosa de Addison (foto ao lado) tornou-se o modelo de elegância para os escritores ingleses até o fim do século XVIII. Addison seria responsável ainda por dois feitos na área literária: a reabilitação histórica de John Milton, autor do épico bíblico “O Paraíso Perdido”, e a autoria da tragédia “Catão” (1713), uma das mais perfeitas do século XVIII.

(www.palavrascruzadas.com.br)

Outro aspecto interessante localizado nos primórdios do jornalismo cultural mundial – e coincidentemente algo similar ocorre atualmente com a literatura brasileira, onde jornalistas culturais destacam-se com salutar livros (vide, “Olga Benário” e “Chatô”, o Rei do Brasil, de Fernando Morais; e mais recentemente a série Ditadura Envergonhada do jornalista Elio Gaspari, entre outros) – foi esta miscigenação entre o jornalismo e a literatura.

A filosofia de Montaigne na França e a sua capacidade de mesclar o mundano e o erudito, “são a matriz evidente das conversações de Addison e Steele, na então revista “Spectator””. Nesta época surgem mais dois importantes livros influenciados diretamente pela força que o jornalismo cultural impôs. São eles: “Viagens de Gulliver”, do jornalista irlandês Jonathan Swift e o livro do escritor britânico do século XVIII – outra cria do jornalismo cultural – Daniel Defoe. Ele escreveu “Robinson Crusoe” e durante quase dez anos (1704-1713) escreveu sozinho “Review”, um periódico da corte.

2.2 O Machado da cultura – primeiros passos do jornalismo cultural no Brasil

O jornalismo cultural brasileiro nasceu, ou melhor, foi impulsionado por nada menos que pela maior referência literária nacional, Machado de Assis (1839-1908). Este ícone “iniciou sua carreira como crítico de teatro e polemista literário, escrevendo ensaios seminais como ‘Instituto de nacionalidade’ e resenhando controversamente os romances de Eça de Queiroz”.(Piza, 2003).

Além dele outros críticos, durante a mesma época, se destacou na imprensa tupiniquim e posteriormente se eternizou com um sólido trabalho literário. Deste podemos destacar o nome de José Veríssimo (1857-1916) e segundo Piza, sua carreira foi toda feita na qualidade de crítico, ensaísta e historiador da literatura, assim com as de Sílvio Romero e Araripe Jr.

Entre as mutações ocorridas na narrativa e na estrutura do jornalismo cultural, principalmente com a crítica, vale salientar, o fato ocorrido no dia 13 de janeiro de 1898. Conhecido pela imprensa pelo famoso Caso Dreyfus, na França, em que um tenente judeu foi acusado de traição. Também segundo Piza, O popular romancista Émile Zola (1840-1902), crítico de arte e literatura, saiu em defesa de Dreyfus numa carta aberta ao presidente da França sob o título “Eu acuso”. Esse momento de glória jornalí-

stica levou Zola à prisão e multa, mas também obrigou o caso a ser revisto, e a inocência do tenente foi provada.

Outro nome que mexeu, de certa forma, com as estruturas do jornalismo cultural foi o do escritor (fracassado) e ótimo crítico de arte, teatro, literatura e música em publicações como “Saturday Review” e “The World”, o irlandês George Bernard Shaw (1856-1950). Dando continuidade ao pensamento de Piza, temos a constatação do perfil imposto por Shaw na sua coluna semanal, iniciada em 1890. Ele “misturava polêmica política, observação social e análise estética, era discutida em toda a Inglaterra e acabou criando um novo modelo de jornalismo cultural”.

As críticas de arte saíram de seu circuito de marfim: Shaw as lançou no meio da arena social, exigindo que se comprometessem com as questões humanas vivas, mostrando, por exemplo, que uma ópera de Mozart era composta de muito mais elementos que as bleas melodias e o figurino pomposo. O crítico cultural agora tinha de lidar com idéias e realidades, não apenas com formas e fantasias. (Piza, 2003)

2.3 Considerações sobre o começo do jornalismo cultural potiguar

2.3.1 Origens

A primeira notícia que tive sobre a cultura noroeste-grandense veio através de meu pai, em minha adolescência. Ele sempre me falava de três escritores potiguares de sua admiração, duas mulheres e um homem: as poetisas Auta de Souza e Palmira Wanderley, e o escritor Luís da Câmara Cascudo (Melo, 2002)

O relacionamento entre a arte e o jornalismo sempre foi marcado por uma tênue linha. Muitas vezes, os dois misturam-se. Em outras, acaba refletida futuramente nas próprias publicações. No próprio jornal cultural O Galo (n.08, outubro/1988), há uma matéria assinada pelo jornalista Anchieta Fernandes exemplificado o pioneiro trabalho com xilogravuras de João da Escóssia, no final do século XIX e começo do XX.

Em poucos anos se tornaria um incentivador, não só da imprensa, como da arte em geral em Mossoró, tornando-se cenarista do teatro local e organizando o Atelier Escóssia (único estabelecimento xilográfico do RN). Do ponto de vista estético, é a sua obra classificável, no mínimo, como correta.

Existiu também, durante 14 anos, desde 1988, uma peculiar e interessante publicação mensal da Fundação José Augusto (instituição governamental) que marcou fortemente o jornalismo cultural potiguar. O Galo, inicialmente editado pela jornalista Marise Castro e impresso pela Companhia Editora do Rio Grande do Norte (CERN), trazia influência e inspiração do jornal curitibano Nicolau, lançado em 1987, e também pela lacuna deixada pelo suplemento dominical do jornal A República, no começo da década de 70.

2.3.2 História em Quadrinhos

Ainda presente em jornais conceituados como o Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo, outro quesito abandonado pelos jornais potiguares é a história em quadrinhos. Em nenhuma das doze edições dominicais analisadas do Diário de Natal para este ensaio foi detectada a presença de HQ. Um componente, em contrapartida, que nasce na imprensa do Estado. Sabe-se que a cidade de Campina Grande foi pioneira no Nordeste no que diz respeito à publicação de revista em quadrinhos, com desenhos do artista local Deodato Borges. As aventuras do seu personagem “Flama”

também foram utilizadas em radionovelas apresentadas por emissoras locais. O Rio Grande do Norte, todavia, foi o precursor a desenhar uma estória em quadrinhos e publicá-la em um jornal da cidade.

No ano de 1959 o Diário de Natal publicava, às terças-feiras, uma página semanal de diversões, dedicada às crianças, apresentando contos infantis, pasatempos, poesias, curiosidades e até uma ‘Enciclopédia Mirim’. O título desta página era ‘Recreio’, desenhado em alto estilo com o uso do normógrafo, e a coisa era organizada por Serquiz Farkatt com ilustrações de Poti. E foi nela que o mesmo Poti desenhou a primeira estória em quadrinhos feita pela prata da casa: ‘O fogo através dos tempos’. (Fernandes, 1988)

Depois do caderno “Recreio”, ainda na década de 50, as histórias em quadrinhos norte-riograndenses só voltariam a se movimentar no começo da década de 70, com a criação do Grupo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos (Grupehc), em maio de 1971. Segundo Fernandes (1988), o Grupehc desenhou cadernos especiais na linguagem quadrinhos para determinados eventos que acompanharam como encartes as edições do Diário de Natal e O Poti, destacando-se: um dedicado à comemoração dos 150 anos de comemoração da Independência do Brasil, em 7 de julho de 1972; outro à participação do Rio Grande do Norte no movimento da independência, publicado em 7 de setembro de 1972; um terceiro à vida de Santos Dumont, publicado em 20 de julho de 1973; e um último homenageando os 90 anos da abolição da escravidão em Mossoró, em 30 de setembro de 1973.

2.3.3 O jornalismo potiguar atual

A sensação que o leitor tem ao procurar textos reflexivos/críticas culturais (de suma importância para a circulação da arte) nos jor-

nais potiguares aos domingos sobre as manifestações artísticas no Rio Grande do Norte é de vazio. E não é por falta de opção. A imprensa potiguar é forte quantitativamente comparada aos outros estados nordestinos. Pernambuco tem somente três jornais diários, muito embora apresente o triplo da população e renda per capita bem maior que a do Rio Grande do Norte. Diariamente chegam às bancas potiguares, no mínimo, seis jornais diários, oriundos de Natal (Tribuna do Norte, Diário de Natal e o vespertino Jornal Hoje) e Mossoró (O Mossoroense, Gazeta do Oeste e o Jornal de Fato), segundo município em importância econômica e social.

Somente dois dos jornais potiguares, porém, mantêm um espaço para publicação das manifestações culturais aos fins de semana, principalmente, aos domingos. Depois da “hecatombe” jornalístico-literária, restaram portanto dois cadernos de cultura dominicais: “Muito” do Diário de Natal (objeto de estudo deste ensaio) e o caderno “Universo”, de O Mossoroense.

Deixo à parte os grandes jornais brasileiros, que se espelham na melhor imprensa internacional, como The New York Times, The Times, de Londres, especialmente o Le Monde e o Libération, de Paris. Assim, continuam mantendo suplementos literários de bom nível, mas, sem nenhum acesso para os novos, A Folha de São Paulo, com o Mais, o Jornal do Brasil, com o Idéias, o Estado de São Paulo, com o Cultura e O Globo, com o Prosa e Verso. Diferentemente dos jornais do Recife e de outras capitais, tanto ou menos dotadas, eles consideram tais suplementos serviço, e não condicionam, que eu saiba, a sua manutenção a patrocinadores. Enquanto isso, em toda parte, as gerações de bons poetas, críticos e contistas surgem, sem espaço, para dizer a que vieram. (Melo, 2002)

No começo do ano de 2003, poderiam ser localizados cinco cadernos culturais. Além dos dois citados, tínhamos o “Viver”,

do jornal Tribuna do Norte, o miscigenado “Tudo”, da Gazeta do Oeste, e o caderno “Total”, do jornal De Fato, este dedicado mais ao lazer e entretenimento. Tribuna do Norte e De Fato, entretanto, substituíram seus respectivos cadernos por espaços destinados a divulgar a sociedade, respectivamente, “Gente” e “Babado”. Cadernos que nem mesmo abrem espaço para a discussão das sete artes (fotografia, pintura, literatura, dança, música, teatro e cinema).

Já o jornal Gazeta do Oeste, a partir de outubro de 2003, adotou uma nova linha editorial. Excluiu três páginas do seu caderno “Tudo”, acrescentou um espaço para entrevista notadamente de cunho político (as seis primeiras entrevistas foram com políticos de Mossoró e região) e, finalmente, incluiu uma página factual sobre os eventos ocorridos na sociedade mossoroense.

A opção pelo caderno “Muito” como objeto deste ensaio foi uma escolha circunstancial. Não achamos conveniente analisar os cadernos “Tudo” e “Universo” receando alguns motivos que poderiam comprometer a credibilidade do ensaio. De novembro de 2001 até outubro de 2003 trabalhamos como repórter e, durante o período de mais de um ano, editor do caderno “Tudo”.

Capítulo 3

O jornalismo cultural do caderno dominical “Muito”

Observando o caderno “Muito” destacamos neste estudo alguns tópicos para tentar entender como é realizado o jornalismo cultural na mídia impressa potiguar. Para isto optamos pela entrevista, por ser um rico e por apresentar um espaço privilegiado na área cultural.

Citamos também as colunas sociais por se apresentar excessivamente explorado no caderno mas, destacamos, neste ensaio, as vitais e essenciais críticas, bem como, o aspecto da primeira página do Caderno “Muito”.

3.1 A entrevista

A entrevista, assim como o perfil, é um dos gêneros da reportagem interpretativa mais interessante do ponto de vista estético e criativo. Ideal e aconselhável utilizá-lo (não de forma excessiva – por ocupar muito espaço, digamos uma página “standard”) no jornalismo cultural por unir exatamente estes tópicos indispensáveis e, acima de tudo, prazerosos (estética e criatividade) para compreender uma personalidade, um lugar, ou até mesmo um prédio. Para o jornalista Ricardo Kostcho, o perfil é o filão mais rico das

matérias chamadas humanas, para ele este gênero dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado. Kostcho trabalhou, durante a década de 80, no jornal Folha de São Paulo, e a partir desta experiência ele pontua que “o repórter deve estar sempre livre de qualquer preconceito, qualquer idéia pré-fixada pela pauta ou por ele mesmo. É a sua sensibilidade que vai determinar o enfoque da matéria”.

Analisando previamente suas colocações podemos chegar a algumas curiosas conclusões. Primeira: Publicar entrevista tipo perfil enriquece o conteúdo das páginas de cultura, ultrapassando o limite do fato informativo. Exatamente por ir além disto, ela ultrapassa linguagens, lê o comportamento do personagem e, ainda de forma deglutida, e trabalhada transpassa a informação atrelada com interessantes peculiaridades ao leitor. A segunda, e não menos importante, parte exatamente do repórter. Pois ele terá que “ser livre de preconceito” e explorar ao máximo “a sua sensibilidade para dá o enfoque da matéria”, e sempre com o intuito de ganhar “a confiança do entrevista, para poder conseguir arrancar tudo dele”.

No entanto, nenhuma desta premissas foram seguidas pelo jornal Diário de Natal na sua edição dominical do caderno “Muito”. Das edições analisadas, neste estudo, não foi localizada um perfil sequer. Aparentemente, não há interesse da editoria de cultura explorar este gostoso e interessante filão. E se houver dentro do objeto de análise nada foi localizado.

Por outro lado, a entrevista no formato “perguntas e respostas”, conhecido no jargão jornalístico como “pingue-pongue”, a qual também é uma outra forma de apresentar uma personalidade ao leitor como o perfil, está pelo menos de forma quantitativa, equilibrada. De acordo com as edições analisadas do caderno “Muito” do Diário de Natal, entre 12 de outubro e 28 de dezembro de 2003, foram publicadas três entrevistas. Mas, infelizmente, no quesito “qualidade e aprofundamento”, estas três entrevistas transparecem, ao leitor mais arguto, uma nítida impressão de comodismo, excluindo, neste tópico, a entrevista publicada no dia

7 de dezembro, com o autor teatral e também jornalista Sebastião Vicente. Exatamente por ela apresentar algumas perguntas mais questionadoras, do ponto de vista do trabalho apresentado pelo entrevistado houve um ponto forte: a interação entre o repórter o entrevistado.

Na duas entrevistas restantes, tem-se o direcionamento pautado pelo forte e acentuado enfoque para as *hard news*. Estas entrevistas, pautadas pelo ‘calor da hora’, tendem a limitar-se a personalidades que estão visitando a capital potiguar. Onde pode-se constatar uma nítida prova de falta de planejamento e organização, pois entrevistas com personalidades importantes de várias manifestações culturais não são pautas dos jornais caso eles não estejam geograficamente acessível, algo que está em desuso (as barreiras geográficas) graças ao advento tecnológico. O ponto negativo, nesta observação, está precisamente nas restrições de publicar entrevistas de personalidades, somente por está desempenhando um trabalho na cidade de Natal. Seguindo este raciocínio pode-se afirmar que não há interesse da editoria e/ou repórteres em buscar novos nomes que praticam o fazer cultural. Neste caso o caderno “Muito”, do Diário de Natal cai nesta armadilha:

É através da entrevista, com sua dinâmica própria, em que questões não-programadas nascem, na hora, das próprias respostas que o entrevistado dá, levando a conversa para assuntos até mesmo desagradáveis – mas necessários, que se pode chegar à declaração quente, feroz, brilhante; enfim, a resposta inesperada à pergunta que não se estava esperando. (...) Mas o recurso da entrevista tem também um lado negativo. Pode servir de pretexto para jornalistas preguiçosos, que não querem ou não sabem analisar determinados assuntos. É muito fácil fazer uma pergunta, deixar o entrevistado falar e depois transcrever tudo, sem analisar, sem contextualizar, sem dimensionar o assunto e com ele se comprometer. (Continente, 2003)

Exemplificando melhor: a entrevista realizada com o jornalista Sebastião Vicente, subeditor do Correio Braziliense teve como “gancho” jornalístico a premiação teatral dos textos de “Valsa na Varanda”, em 2001, e o terceiro lugar com o texto “A Exclusão”. Até aí tudo bem, pois o espaço físico da página do jornal foi devidamente explorado - como pôde ser constatado nas longas e bem descritas respostas do entrevistado. No entanto, contestações ou indagações mais ríspidas não foram utilizadas nas sete perguntas do jornalista e editor do caderno Móises de Lima.

Na nossa última entrevista analisada, publicada no dia 12 de outubro de 2003, temos a primeira página do caderno dividida com uma publicidade que ocupa a segunda metade da folha. Para esta observação podemos apontar duas singularidades interessantes do ponto de vista jornalístico: O poder do capital no jornal, supera o material bem escrito e articulado – independentemente da página e do local que o assunto ocupa. Segundo: O aspecto visual (tão importante para o segmento cultural diferenciar-se das outras editorias) não é prioridade, e sim um ‘acaso-planejado’. Para esta paradoxal expressão dizemos que o ‘acaso’ surge quando não tem enormes publicidades na primeira página (27% das páginas analisadas contém publicidades ou seja, três das doze edições). E, para ‘planejado’ quando ocorre um trabalho graficamente cuidado como houve, por exemplo, na edição de 19 de outubro, “100 anos de memória”.

Voltando ao assunto da entrevista temos nesta primeira página o cantor e atualmente “agitador cultural” Lobão realizada pelo mesmo Moisés de Lima. A iniciativa de conversar com o cantor é salutar para o jornalismo cultural, mesmo porque Lobão é o protagonista do embate travado entre ele (com a ajuda de outros artistas) e as gravadoras multinacionais ou majors, no jargão fonográfico.

Partiu dele também a proposta, aprovada pelo Congresso Nacional e já em vigor, da obrigatoriedade da numeração de CDs, bem como o lançamento de uma revista de música direcionada para a cena independente brasileira. Sua atuação, portanto, tende a ser

de suma importância para o público leitor, principalmente, consumidor de música, pois seu trabalho pode exercer influência no comportamento de compra de CD ou de revistas especializadas.

A entrevista, contudo, foi pautada pelo agendismo e não pela sua importância para o leitor. Não houve na entrevista perguntas e respostas. O que encontramos, na realidade, são tópicos/temas e a seguir o discernimento do entrevistado, confirmando que o que prevalece

É o excesso de entrevistas em que não se contesta o entrevistado, das resenhas que desperdiçam o pouco espaço com pouca incisividade e sutileza, das colunas que narram o dia-a-dia do colunista. Faltam perfis que relacionem a personalidade do artista com sua criação, críticas que saibam se deter tanto na estrutura do filme como na sua eventual posição e recepção, articulistas que valorizem especialmente as idéias que mexem com nosso cotidiano. (Piza, 2003)

A terceira e última entrevista analisada, dentro do nosso objeto de estudo, envolveu o ator Lázaro Ramos, realizada pela repórter Haysa Pacheco e publicada no dia 28 de dezembro de 2003. Resumida a somente sete perguntas, levando em consideração o generoso espaço concedido (a primeira página do Caderno – sem publicidade), em outras palavras o espaço físico da entrevista ocupou exatos 1/8 da página, menos de duas, das seis colunas, em 50% da capa do caderno.

Nos detendo inicialmente pelo título da página, localizamos imediatamente um equívoco gramatical. “Ator baiano da nova geração se destaca pelo grande talento”. Segundo o dicionário eletrônico “Aurélio Século XXI” o substantivo talento, originária do grego “tálanon”, ‘soma de sessenta minas’ e pelo latim “talentu” traz como um dos seus significados “inteligência excepcional”, “Pessoa talentosa”. Dai entende-se a não necessidade e a redundância em aplicar o adjetivo “grande”, pois não existe pequeno talento. Não há meio termo.

Seguindo o raciocínio de Piza, “um dos males do jornalismo atual é ficar demais no terreno do declatório”. Este ponto negativo entra em colisão com a entrevista com Lázaro Ramos por se resumir a declarações e, principalmente, por não exercer a outra recomendação de Piza quando afirma que “(...) o formato ‘pingue-pongue’ é adequado para os entrevistados cujas frases sejam boas, marcantes, com bons argumentos ou declarações inéditas”. Algo que não foi localizado na entrevista em questão, atente para a penúltima pergunta da repórter e a resposta do ator:

DN - Você esperava fazer tanto sucesso e ter ao seu lado amigos que trilharam junto com você a carreira de ator?

LR - É uma coisa muito boa que está acontecendo para a gente. Nós nunca tivemos a pretensão de montar no Rio, de fazer sucesso nacional. Nós achávamos que nossa cidade já nos dava o bastante. Lá fazíamos um trabalho sério e respeitado pelo público e pela crítica. (Diário de Natal, 28 de dezembro de 2004)

3.2 Colunismo Social

Há também a ausência de resenhas. Nessas seis páginas é impressionante o espaço dado ao colunismo social (fenômeno que falaremos mais adiante). Todas as páginas internas, exceto a de número dois, são dedicadas a notícias da sociedade, sem nenhuma reflexão sobre o comportamento dela no seu cotidiano. As colunas de Carlos Magno (“Flashes do Seridó”) e Karenine Fernandes (“Mossoró”) somadas ocupam uma página inteira, tamanho standard. A primeira com 12 fotos e a segunda com 16. E só.

Os textos que poderiam ler um pouco da sociedade e tentar mexer com o cotidiano delas estão resumidos a legendas informativas. Já na coluna de Chrystian de Saboya há uma divagação

sobre uma personalidade natalense famosa, “por fazer das festas um sonho sem fim”.

Mas, comecei falando nas relações iniciais, em Pernambuco, entre a Poesia e o colunismo social, que sempre considerei uma espécie de salão onde se massageia, com esponjas aristocráticas, o ego da pequena burguesia. Agora, tenho de me retratar, pois as páginas sociais fazem a presença maior na vida intelectual de não poucos Estados, como o de Pernambuco, diariamente noticiando os lançamentos de livros, os recitais, os prêmios, para que a população não fique dependendo de algumas mixurucas colunas semanais nos cadernos de serviços. (Melo, 2003)

3.3 Crítica

A sensação ao ler o caderno “Muito” dominical é de superficialidade, sem aprofundamentos nem interpretações. Melhor prova disso encontra-se no espaço e nos jornalistas destinados a escrever críticas. Das edições analisadas, só há um crítico musical, Jorge Galvão, cuja coluna “Acordes” quase sempre apresenta análises. Seu material transita entre o dito erudito e o popular (“Parece que tudo já foi dito sobre Vinicius. Agora só vale a pena dizer da saudade que ele deixou”, em 28 de dezembro, e “Uma rabeça para o leitor”, de 21 de dezembro); entre o que se convencionou rotular de regional e o universal (“Escritos musicais por um membro da comunidade da avenida dez”, 2 de novembro, e “Reflexões musicais ecléticas de uma lenda viva do blues”, 19 de outubro).

Quanto à crítica, sem lugar, fora a Universidade, para exercitar-se, tende a murchar. Não só a crítica literária, mas de cinema, de teatro, de artes plásticas, e outras. Colocar jornalistas, um para cada setor, por melhor que sejam, não satisfaz a necessidade

de diversificar os pontos-de-vista sobre as expressões estéticas do momento. (Melo, 2003)

O sensato jornalista Zuenir Ventura disse, em um artigo corajosamente publicado na revista *Visão*, em julho de 1971, que “(...) os intelectuais brasileiros nem sempre tiveram lucidez para perceber que, independentemente do AI-5, a cultura vive uma fase de transição em que, como superestrutura, tenta adaptar-se às alterações infra-estruturais surgidas no país”. Seguindo o raciocínio de Ventura, analogicamente podemos afirmar exatamente o que está faltando no jornalismo cultural potiguar: Os profissionais (neste item, favor, incluir editores, proprietários, jornalistas e empresas), necessitam entender as novas dimensões que a indústria e os novos meios de comunicação está causando no meio de difusão da manifestação cultural. Assim como o processo industrial não tem o menor sentido se não se basear na livre iniciativa, isto é, na liberdade de expressão, ou mesmo se aplica às publicações. “O jornalismo cultural tem esse papel simultâneo de orientar e incomodar, de trazer novos ângulos para a mentalidade do leitor-cidadão”, diz Piza. E para isto, ele (o jornalismo cultural) tem que estar sempre aberto para os outros assuntos, sejam eles esportivos, policiais, comportamentais, sociais, enfim, tudo que possa ser englobado no universo do convívio humano.

Porém, em contrapartida, o que constatamos foi exatamente o inverso deste salutar raciocínio. Dentre as doze edições estudadas do caderno dominical do *Diário de Natal*, “Muito”, há um exarcebado enfoque para uma arte (a música está presente em 91% das publicações analisadas com as críticas de Jorge Galvão) e a total ausência para algumas outras.

O que temos no caderno “Muito” é o que o pesquisador Sérgio Luiz Gadini, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, localizou no doutorado sobre os cadernos de cultura nos jornais lusitanos. Na sua tese ele diz que “por outro lado, e em parte destoando um pouco da habitualidade das rotinas produtivas noticiosas, o jornalismo cultural acaba por assumir ou deixar-se ‘guiar’ mais fortemente pela lógica da ‘divulgação’ dos produtos de que fala/ tema-

tiza/agenda, diferenciando-se de uma característica indispensável em outras editorias que é a pluralidade”. Ele continua: “O jornalismo cultural, priorizando um olhar de ‘divulgação’, agenda-mente e crítica (...) acaba por não considerar essa perspectiva de pluralidade”. (www.bocc.ubi.pt).

Críticas sobre programas televisivos, artes plásticas, exposições, literatura, shows (este último em baixa, também no jornalismo nacional), simplesmente não existem. “Assim como o público, o meio artístico também sente a carência do olhar crítico”, como já foi mencionado e conforme disse Piza.

Realmente notamos a indiferença apresentada pelo caderno “Muito” com o fazer jornalismo crítico cultural, independentemente de ser agendado ou não. Para este assunto, entretanto, vale reforçar o pensamento de Gadini: “O ‘modo de dizer’ é fundamental na leitura e análise crítica de um produto cultural. É nessa perspectiva que o jornalismo cultural se mostra como (um quase) sinônimo de crítica das expressões, eventos e situações da cultura, na maneira (e proporção) em que não se limita a informar”.

Em todo o Estado e também por consequência no nosso objeto de estudo (Diário de Natal), por vezes, o DN aponta indícios de que opta simplesmente pelo ‘silêncio’. Excita em publicar críticas. Ao contrário dos muitos jornais no país, que fazem questão de publicar uma crítica às pressas e sem embassamento, conforme atestou o cantor Caetano Veloso em entrevista, ao jornalista Geneton Moraes Neto, na revista Continente Multicultural, publicada na sua primeira edição, janeiro de 1999. “Faz algum tempo que me sinto um pouco mal quando vejo nos jornais os lançamentos de discos, livros, peças de teatro, filmes. Vejo sair na primeira página dos segundos cadernos, no mesmo dia, matérias parecidas, uma entrevista matada, uma crítica pequenininha, escrita sem tempo”.

E a crítica literária literária no Rio Grande do Norte? É fraca. No passado foi muito crivada pela discordância da gramatiquice. Depois, quase não houve. A nossa crítica literária ainda é focada no

‘gosto’ e no ‘não gosto’. E é, quase sempre, de função utilitária. Feita para agradar ou desagradar a alguém e não para melhorar a produção literária ou orientar o leitor. (Serejo, 2003)

3.4 O aspecto visual da primeira página do “Muito”

O componente gráfico dos cadernos de cultura é um dos principais atrativos e potenciais diferenciais nos jornais. Este atrativo tira proveito da tradição, muitas vezes, conservadora do jornal impresso e seduz o leitor, fisingando-o à leitura num interessante jogo de sedução visual.

No entanto, este tópico exige rompimentos dos paradigmas da diagramação com o que se convencionou chamar de padrões visuais, impostos – muitas vezes - pelo projeto gráfico do veículo. Uma editoria de notícias local relatando de maneira informativa o cotidiano, não se exige, aparentemente e graficamente, muito esforço criativo dos diagramadores. Pois esta comunicação visual com o leitor é realizada dentro dos padrões gráficos estabelecidos internamente pelos veículos. São os modelos vigentes e as identidades visuais, representadas por recursos gráficos, tais como, fios, gráficos, fotos, vinhetas etc. que norteiam a disponibilidade do texto na página.

Na mesma época de 50, as técnicas de diagramação avançaram pouco a pouco, sobretudo nas revistas ilustradas, com o lançamento de Manchete e as formas gráficas de O Cruzeiro. Mas o episódio marcante foi, sem dúvida, a renovação do Jornal do Brasil, inspirada em modelos formais da arte concretista e com certa preocupação funcional que não esqueceu os novos estilos de redação, a valorização das fotografias e o aprimoramento do cálculo gráfico, de

modo a eliminar cortes e espacejamentos. A maioria dos jornais brasileiros adotou a diagramação a partir dos êxitos alcançados, em prestígio e eleitores 'de qualidade', pelo Jornal do Brasil. (MATOS, 1978)

E foi exatamente esta adaptação da linguagem visual das revistas para os cadernos culturais do jornais impressos que se localiza a forma mais recomendada de apresentar ao leitor matérias de cultura. Geralmente é a fuga dos paradigmas conservadores somando-se à criatividade e o do talento do diagramador que encontraremos as páginas mais atraentes ao leitor. Mesmo porque, como afirma, Hulburt (1999) dentro da linguagem visual para o designer a melhor solução é usar o seu material de tal forma que consiga despertar o interesse e convide à leitura.

Para conquistar estes objetivos podemos sugerir a convidativa primeira página publicada no dia 19 de outubro, sob o título: “100 de memória”, ao qual faz referência ao centenário do Teatro Alberto Maranhão. O número 100 foi posto ocupando 45% da página e dentro dele foi colocado todo o texto da matéria. Detalhe: A página mais interessante do ponto de vista gráfico é a que contém menos foto - apenas uma - bem abaixo da média registrada. O que implica afirmar que para termos um material atraente não é necessariamente obrigatório ter excesso de ilustrações.

O êxito depende muito da aptidão do designer de reunir os princípios básicos da comunicação visual com a destreza, a experiência acumulada e o talento inato (HURLBURT, 1999)

O ponto interessante das primeiras páginas está na quantidade de ilustrações disponibilizadas. Ao todo localizamos 32 ilustrações nas onze edições analisadas, o qual aponta para uma média de 2,9 ilustrações por primeira página. Estes números refere-se somente as matérias principais da primeira página (exclui-se neste caso as ilustrações de chamada de capa).

“(...) criatividade representa uma luta constante para atingir o equilíbrio entre sua expressão própria e as considerações racionais da comunicação visual, impostas de fora”. (HURLBURT, 1999)

Capítulo 4

O que diz o jornalismo cultural do caderno “Muito”?

4.1 Agendismo versus diversidade

O que faz o bom jornalismo cultural? Na minha opinião, a capacidade de ir além do que chamo de “agendismo”, ou seja, o cacoete de refletir o óbvio: filmes são lançados, CDs e livros chegam às lojas, programas, peças, exposições e shows estréiam. (BAHIANA, 2003)

Se no quesito crítica o jornalismo cultural potiguar não foi muito bem quisto (resumindo-se às críticas de Jorge Galvão), do ponto de vista quantitativo não se pode afirmar o mesmo do caderno “Muito”, do Diário de Natal, nas suas edições dominicais. A variedade e a diversidade de assuntos na sua primeira página do jornal são explícitas, e proposidatamente exploradas. Porém, a maioria soa deficitária, principalmente, por conta das limitações impostas pelo mero agendismo e o não planejamento (consequên-

cia da tão citada justificativa da falta de tempo) para elaborar um material bem mais aprofundado no assunto.

Das doze edições, encontramos oito distintos assuntos e dezessete matérias (cinco edições trazem em sua primeiras página, duas matérias – 05/10; 02/11; 16/11; 30/11 e 14/12). Destas há um ligeiro predomínio quantitativo de publicações de assuntos ligados a literatura e ao teatro. As duas artes foram publicadas três vezes, cada no período de três meses.

Se acrescentarmos também as matérias, de cunho histórico, porém teatral, dos dias 19 de outubro (“100 anos de Memória”) e 02 de novembro, (“Cenas do Teatro Natalense”) à lista das três factuais matérias publicadas sobre as artes cênicas durante o período analisado, teremos cinco matérias convergindo para um mesmo assunto.

Ou seja, 41,67% dos assuntos abordados pelo caderno “Muito”, transita pelas ramificações do teatro. O assunto predominou, sobretudo, decorrente – entre outros – pelo exarcebado agendismo do caderno. As cinco matérias publicadas foram motivadas pelas suas datas, quer sejam comemorativas, ou ‘aproveitando’ a estada do ator baiano Lázaro Ramos (em sua participação no espetáculo teatral “Auto de Natal”), a premiação do jornalista e também autor “Sebastião Vicente”. As duas matérias históricas sobre o Teatro Alberto Maranhão (TAM), também, foi motivado pelas datas. Durante o mês de outubro o TAM estava completando 100 anos de existência.

Por sinal, o teatro na cidade de Natal durante este período tem todos os holofotes. Da mídia (Tv, jornal, rádio), passando pelos milhares de espectadores e até pela própria tradição (sexta versão) que já se tornou o evento, atraindo por conseguinte os possíveis investidores.

Vale lembrar, seguindo o raciocínio de Bahiana, que a mera existência desses fatos e elementos – as estréias, lançamentos e inaugurações – não deixa de ter valor nas seções de serviço e agenda. Para merecer a atenção cada vez mais fugidia do leitor, fora desses espaços, o bom jornalismo de cultural deve buscar os

comos e porquês, o contexto, a tendência, o contraste, a consequência.

Embora que seja de forma sucinta o jornalista Carlos Magno Araújo, na sua matéria publicada especialmente na primeira página do caderno “Muito”, de 14 de dezembro, “Modernismo Portátil”, segue basicamente estes conceitos de Bahiana. Ele contextualizou o ‘simples’ lançamento de uma coletânea – com mais de trinta peças com o que melhor se produziu pelo movimento modernista – e o inseriu dentro da realidade potiguar acrescentando informações além do mero e não recomendável ‘agendismo’.

Se, em geral, enfatiza a participação e a importância dos criadores do movimento e mostra a força de uma corrente que lutou para imprimir um rosto nacional à cultural que então se produzia no Brasil, a “Caixa Modernista”, uma espécie de museu portátil, (...) traz também, em particular, uma grande surpresa aos potiguares: a reedição em fac-símile do primeiro número da Revista de Antropofagia, de maio de 1928, no qual, numa resenha do “Livro de Poemas”, lançado em Natal em 1927, o diretor do periódico paulista, Antonio de Alcântara Machado, rasga elogios à poesia do natalense Jorge Fernandes. (Carlos Magno Araújo, 14 de dezembro, Diário de Natal)

Capítulo 5

Considerações finais

5.1 Perspectivas para o jornalismo potiguar

O que constatamos ao observar as edições do Caderno “Muito” é que há uma fase, uma indefinição do que se considera fazer um bom jornalismo cultural, o qual deve buscar – como já foi citado – os comos e os porquês, o contexto, a tendência, o contraste, a consequência.

O ponto positivo do caderno foi a sua diversidade de temáticas (teatro, artes plásticas, literatura, música etc), nas edições analisadas. Essa pluralidade é essencial e vital para o jornalismo cultural exercido nos segundos cadernos da nossa mídia impressa.

No entanto, essa aparente diversidade peca por se apresentar superficial e não buscar os seis objetivos (como, porquê, contexto, tendência, contraste, consequência) como deveria fazer principalmente por se tratar de uma edição dominical.

O que sentimos neste material publicado é, de certa forma, preocupante. O Diário de Natal ainda não absorveu e não entende a força que o jornalismo virtual (webjornalismo) exerce atualmente. O caráter conservador do jornal diário impede uma possível e bem indicada miscigenação das linguagens (impressa com

virtual). Embora que paradoxalmente o caderno “Muito” tenha absorvido a entrada de outras mídias, como o DVD e o CD.

Atualmente o jornalismo cultural exercido pelo *e-zines* é um diferencial que a priori deveria encontrar lugar no “Muito”. Os *e-zines* são os herdeiros diretos dos antigos fanzines – jornais confeccionados de forma rudimentar, com tesoura e cola – para um pequeno e determinado público aficionado por música. A liberdade temática dos *e-zines* atrai o público leitor e deixa os jornais “presos” a agenda cultural – lançamentos de CD, estréia no cinema e teatro etc.

Vale salientar que a camisa de força imposta na editoria no Caderno “Muito”, que impede o aprofundamento de assuntos, é explicitamente agendista e conseqüentemente, neste caso, mercadológica. Até porque conforme SODRÉ, 1996, explicitou: “Cultura é, portanto, algo pragmaticamente vinculado ao mercado”.

Provavelmente o caderno “Muito” sofra, aos domingos, o que aconteceu com o seu principal concorrente “Viver”, da Tribuna do Norte. Segundo entrevista com a editora do “Viver” Cinthia Lopes, em 24 de dezembro de 2004 o problema da falta de críticos está diretamente ligado à falta de espaço editorial.

Enquanto o “Viver” teve uma redução das páginas (de 6 para 4), perdeu vários críticos e articulistas e o caderno deixou de circular aos domingos o “Muito sofre pelo excesso de colunismo social. Para Cinthia Lopes que atua com o jornalismo cultural há mais de 10 anos, esta fase é mais uma entre tantas boas ou ruins que passa o jornalismo potiguar.

Mas, por outro lado a prova de como pode ser potencializado o espaço destinados ao embate das idéias num caderno de cultura é reduzindo consideravelmente as colunas sociais. Ficamos como exemplo a saída da colunista Karenine Fernandes, onde até então a metade da página era destinada a divulgar somente fotos da sociedade, sem aprofundamentos ou análises comportamentais, foi substituída por uma matéria sobre o cineasta Fernando Meirelles que estava preparando as malas para começar as filmagens do filme norte-americano “O jardineiro fiel”.

Além do espaço físico, precisa-se aprimorar a qualidade textual para evitar escorregões como ocorreu na edição de 28 de dezembro e já mencionado neste ensaio, “Ator baiano da nova geração se destaca pelo grande talento”, como também para apreender o leitor “fisgando-o” com o prazer de ler um bom texto.

O que pode ocorrer com o “Muito”, se não houver mudanças ou adaptações é a provável exclusão deste caderno na edição dominical. Mesmo porque houve o surgimento de mais dois veículos de mídia impressa, como a revista *Preá*, da Fundação José Augusto – do Governo do Estado e o jornal literário e depois cultural chamado “*Clandestino*”, de Mossoró e circulação estadual.

Capítulo 6

Referências bibliográficas

- EDITORIAL. *Continente*, Recife, n.36, dez.2003.
- FERNANDES, Anchieta. *O Galo*, n.08, out.1988.
- GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloisa Buarque de & VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito – Da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- HULBURT, Allen. *Layout: o design da página impressa*. São Paulo: Nobel, 1999
- KOSTCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*, 4ª ed. São Paulo: Ática, 2003
- MATTOS, Manoel José de. Percepção e diagramação criadora. In: *Comum*, Rio de Janeiro, julho/setembro de 1978, v.1, nº3, p.6
- MELO, Alberto da Cunha. Marco Zero. *Continente Multicultural*, Recife, v.3, n.35, p.26, ago.2002.
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*, São Paulo: Contexto, 2002 (coleção Comunicação)
- O GLOBO. *Manual de redação e estilo*. – 25. ed. São Paulo: Globo, 1998.

- ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo*, São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos)
- SEREJO, Vicente Alberto. O Cronista da Rua da Frente. *Revista Preá*, Natal, n.4, p.71, dez.2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- SODRE, Muniz. *Reinventando @ Cultura*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

6.1 Webgrafia

- www.palavrascruzadas.com.br (acessado em 8 de fevereiro de 2004)
- www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html/2=gadini-sergio-jornalismo-cultural-diarios-portugueses.html/
- www.comunique-se.com.br (coluna “Cultura à Bahiana” assinada pela jornalista Ana Maria Bahiana, de 17/06/03)
- www.cbj.g12.br/~borges/base2003/mod_doc.php?id=0087 (publicado em 19/03/2003)
- <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/grupos%20de%20trabalho%20de%20historia%20da%20midia/historia%20da%20midia%20visual/GTMidia%20Visual%20Maria%20Cristina%20Merlo.doc> (acessado em 28 de novembro de 2004)

Capítulo 7

Anexos

Quadro 1 – Matéria principal de arte/cultura e presença/frequência de crítica cultural na edições dominicais do jornal Diário de Natal

Dia/mês	Matéria principal	Presença e/ou Frequência
05/out	AC	CM
12/out	M	CM
19/out	DC	CM
26/out	DC2	CM
02/nov	PH	CM
09/nov	OA	CM
16/nov	AP/T	CM/CM
30/nov	M/M	CM
07/dez	T	CM
14/dez	L/AP3 e L	CM
21/dez	L/T	-4
28/dez	T	CM

Legenda de Categorias Matéria principal: Artes Plásticas (AP), Arte Multimídia/ HQ/ BD (MM), Arquitetura e Escultura (AE), Arte/ Cultura/ Educação (AC), Cinema (C), Dança (D), Datas/ Comemorações/Solenidades (DC), Fotografia (F), Literatura (L), Música (M), Moda Fashion (MF), Política Cultural/ Mídia (PC), Patrimônio Histórico/ Museus (PH), Publicidade/ Consumo (PP), Teatro (T), Internet (W), Televisão/ Rádio (TV), Tradições/ Costumes/ Cultura Popular (TC), Outros Assuntos (OA).

Legenda de Categorias Presença/ Freqüência: Crítica de Artes Plásticas (CA), Crítica de Cinema (CC), Crítica de Dança (CD), Crítica Literária (CL), Crítica de Música (CM), Crítica de Teatro (CT), Crítica de TV (CTV), Crítica de Internet/Web (CW), Outras Críticas Culturais (OC).

Divisão das matérias publicadas no caderno "Muito", do Diário de Natal, entre set/03 e dez/03

